

A “GRAMÁTICA DE EMÍLIA” DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

MATTOS, Livia de Andrade

livinha.mattos@yahoo.com.br

SANTOS, Suyane dos

suyaanne@ig.com.br

VARJÃO, Aline Mendonça

aline.varjao@ig.com.br

MEIRELLES, Claudia de Souza Cardoso (Orientadora).

meirelles.claudia@oi.com.br

Mestranda em Ciências Sociais – UFRN

Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa – FACINTER/PR

Graduada em Letras – UCSAL/BA

RESUMO

Este artigo intitulado A “*Gramática de Emília*” do Sítio do Pica-Pau Amarelo versa sobre a análise morfológica da obra *Emília no País da Gramática* (1934), do autor José Bento Marcondes Monteiro Lobato, bem como, apresenta aos leitores uma reflexão sobre língua, literatura e educação feita pelo escritor ao longo de sua vida. O intuito dessa análise é promover um novo estilo de didática para ensinar as crianças os vários níveis da Língua Portuguesa a fim de que seja despertado nas mesmas o interesse pela aprendizagem e pela leitura, incentivando-as de maneira lúdica a utilizar a imaginação para descobrir e interpretar o mundo.

Palavras-chave: Criança, Emília, gramática, literatura infantil.

A “GRAMÁTICA DE EMÍLIA” DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO.

INTRODUÇÃO

Não há dúvidas quanto à seriedade do autor José Bento Marcondes Monteiro Lobato (1934), em sua obra *Emília no País da Gramática* de mostrar a relação do estudo da Língua Portuguesa associado a uma brincadeira. O autor, um estudioso da Morfologia, indiretamente frisa os vários conceitos lingüísticos de caráter didático com porções de divertimento e magia.

Segundo Lobato:

(...) Pedrinho fez bico, mas afinal cedeu, e todos os dias vinham sentar-se diante de Dona Benta, de pernas cruzadas como um oriental para ouvir explicações da gramática. – Ah, assim, sim! Dizia ele. – Se meu professor ensinasse como à senhora a tal gramática virava brincadeira. (LOBATO, 1934, p.9)

Justamente, com tais palavras, manifesta-se o anseio de se propor um novo estilo de didática pedagógica em relação à prática do ensino para as crianças. Para isso, é mister fazer uma leitura da obra *Emília no País da Gramática* (1934) para a relação de um método a ser utilizado, isto é, a Morfologia. Então, é através dela que se procura compreender as categorias como: Substantivo, Verbo, Artigo e Pronomes em que o ensino-aprendizagem das categorias deve ser articulado em atividades de linguagem de operação e reflexão.

A partir dessas quatro categorias gramaticais, extraídas da obra em estudo, que se pretende encontrar uma possibilidade de percorrer algumas interpretações realizadas tanto por leitores adultos, quanto por leitores mirins. Desse modo, o presente artigo terá embasamento teórico em documentação indireta, dos principais autores, tais como: José Bento Marcondes Monteiro Lobato, Nelly Novaes Coelho, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Leonardo Arroyo e outros que forneceram subsídios para a discussão do tema aqui proposto.

Pode-se dizer, então, que a categoria Substantivo é designada em Substantivos Próprios, Comuns, Abstratos, Concretos, Simples, Compostos, Coletivos e Epícenos, em que os mesmos são compreendidos na Flexão de dois gêneros¹, o Masculino e o Feminino, conforme o sexo das coisas ou seres que eles batizam, como também, recebem a Flexão de Número, isto é, Singular e Plural quando um Substantivo designa uma coisa só, vai para o singular; quando designa duas ou mais coisas vai para o plural consistem no acréscimo do símbolo gráfico S.

Entende-se que depois dos Substantivos são os Verbos as palavras mais importantes da Língua Portuguesa, pois segundo o professor Joaquim Mattoso Câmara Júnior (2005, p.25), afirma que o *Verbo é em português o vocábulo flexional, por excelência, dada a complexidade e a multiplicidade de suas flexões*. Nessa questão, está de acordo Monteiro Lobato (1934), quando em sua obra *Emília no País da Gramática*, afirma que os verbos assumem 68 (sessenta e oito) formas flexionais diferentes.

Ainda em relação à categoria gramatical Verbo, deve-se considerar a importância que há na entrevista da boneca Emília com o venerado Verbo Ser, o verbo mais importante da Língua Portuguesa, onde o mesmo declara ser o Verbo dos Verbos, porque é o que faz tudo quanto existe ser².

No que concerne às categorias supracitadas, verifica-se que os Artigos Definidos e Indefinidos A, O, Um, Umás, respectivamente, podem ser definidos como *uma subclasse de palavras variáveis que antepõem ao Substantivo para identificar e determinar o ser que este exprime* (2004, p.153). Se se trata de um ser já conhecido utiliza-se o Artigo Definido, caso contrário, trata-se de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se faz

¹ “O gênero significa bem mais do que simples distinção dos sexos. Para começar, o gênero é uma classificação obrigatória para todos, os substantivos, que são os masculinos e femininos, apesar de incontáveis substantivos designarem seres assexuados, os quais sequer pertencem ao reino animal.” (ZANOTTO, 2001, p.66)

² “Muitas gramáticas me chamam VERBO SUBSTANTIVO, como quem diz que eu sou a substância de todos os demais Verbos. E isso é verdade. Sou a Substância! Sou o Pai dos Verbos! Sou o Pai de Tudo! Sou o Pai do Mundo! Como o mundo poderia existir ou ser, se não fosse eu?” (LOBATTO, 1934, p.61)

menção utiliza-se o Artigo Indefinido. Por isso, é imprescindível conhecer bem o Artigo para fazer o bom uso dele, pois o mesmo sempre introduzirá o Substantivo ³.

Constata-se ainda na Análise Morfológica, o uso dos Pronomes Átonos ME, MIM, SE TE, NOS, LHES, pois de acordo Bechara (2004, p.162) “*Pronome é a expressão que designa os seres sem dar-lhes um nome nem qualidade, indicando-os apenas como pessoa no discurso*”. Os Pronomes Átonos em relação ao Verbo é bastante livre no Brasil, ou seja, depende muito da harmonia, da ênfase e principalmente da eufonia.

Nota-se que a pronúncia brasileira é muito diferente da portuguesa e a colocação dos Pronomes difere de Portugal ⁴. No Brasil prefere-se usar o Pronome proclítico antes dos Verbos na maior parte do tempo, como também, os pronomes indicarão uma das três pessoas do discurso: a que fala, a com quem se fala, e a de que se fala⁵.

Outro fato é que no Brasil ainda não é aceito o uso dos Pronomes Átonos em início de frases como **Me desculpe** se falei demais (2004, p.487), somente é permitido na linguagem informal e nos diálogos – pode ser “proibida”, embora não é inviável⁶.

A IMPORTÂNCIA DO CARÁTER DIDÁTICO DE EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA

A despeito do caráter didático da obra, Lobato (1934) consegue influenciar os leitores mirins através de um diálogo que se passa entre a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo

³ “Por isso mesmo o O e o A recebem o nome de Artigos DEFINIDOS, e o casalzinho Um e Uma recebem o nome de Artigos INDEFINIDOS. O Artigo O é Indefinido porque marca com certeza; o Artigo Um é Indefinido porque marca sem certeza”. (LOBATTO, 1934, p.50)

⁴ “(...) quanto à posição dos clíticos em certos casos – decorrência do fato de que, nesse ponto, as variedades brasileiras diferem muito do padrão europeu, causando vacilação constante entre a tendência a respeitar esse padrão e a tendência a adaptá-lo ao nosso uso.” (PERINI, 2006, p.226)

⁵ “(...) a ênclise desaparecendo do português brasileiro; essa tendência, dominante na modalidade falada, já deixou marcas profundas no próprio padrão escrito.” (PERINI, 2006, p.226)

⁶ “- Os gramáticos chamam PRONOME PROCLÍTICO ao que *antes* vem antes do verbo, como em: *O menino SE queimou*. Chamam PRONOME PROCLÍTICO ao que vem *depois* do verbo, como em: *O menino queimou-Se*. E chama PRONOME MESOCLÍTICO ao que vem no *meio* do verbo, como em: *O menino queimar-SE-á*”. (LOBATO, 1934, p.144).

e todas as classes gramaticais. A partir dessa premissa, o escritor em sua obra assinala uma conexão língua-literatura com o alvo de construir um universo imaginário dedicado às crianças.

De acordo com o livro *Monteiro Lobato Vivo* (1986, p.95), Lobato em 21/11/1933 escreve ao seu amigo Anísio Teixeira fazendo uma citação à respeito de Emília no País da Gramática.

Segundo Lobato (*apud* NUNES, 1986, p.95):

Estou escrevendo *Emília no País da Gramática*. Está saindo estupendo. Inda agora fiz a entrevista de Emília na qualidade de repórter do *grito do Pica-pau Amarelo*, um jornal que ela vai fundar no sítio com o Venerabilíssimo verbo SER, que ela trata respeitosamente como Vossa Serência! Está tão pernóstica Anísio, que você não imagina.

Considerando esta declaração, afirma-se que *Emília no País da Gramática* (1934) é um clássico original, fantástico, inteligente, dinâmico, de saber popular e tom regional, escrito numa linguagem da mais encantadora vivacidade.

Num primeiro momento, observa-se na estrutura da obra a predominância do dialogismo, isto é, há uma exposição de perguntas e respostas em que às crianças sentem satisfação e permanecem à vontade dentro desse mundo lúdico⁷.

No entanto, no início do livro, há a presença de um narrador em terceira pessoa que de antemão revela qual é o seu principal conteúdo. Segundo o escritor, “D.Benta com aquela paciência de santa, estava ensinando gramática a Pedrinho. No começo Pedrinho resingou.” (1934, p.9). Através dessa interferência, o livro apresenta de início uma movimentação graciosa na expressão da comunicação entre D.Benta e o seu neto Pedrinho. A concepção de Pedrinho à respeito do ensino da Língua Portuguesa fica claro no primeiro momento, porque

⁷ “(...) para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro de Robison Crusoe, do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar”. (LOBATO, *apud* ARRAYO, 1968, p.205)

na visão do garoto estudar gramática representa uma “cacetação” e trocar as férias pelo estudo das regras gramaticais era uma “maçada”⁸.

Usando de encantamento, a intelectual professora e graciosa avó dos sonhos de quaisquer crianças, persuade Pedrinho a dedicar-se aos estudos da língua diariamente e com suas instruções claras e simples, muito divergente em relação às que seu neto tinha na escola, a “tal gramática até virava brincadeira”⁹.

Desta forma, o método como D.Benta, no alegre Sítio do Pica-Pau Amarelo, ensina a língua tão “cacete”, induz seu pequeno discípulo a exatamente perceber o sentido, o âmago do conhecimento que adquiria, enquanto na escola o professor fazia decorar várias normas gramaticais.

Percebe-se, então, que Pedrinho em sua fala expõe o método contundente e cheio de normas gramaticais que norteiam as instituições brasileiras. Método este, que modifica a estrutura da Língua Portuguesa.¹⁰ Pedrinho torna-se porta-voz de Lobato ao perceber o método mecânico de aprendizagem, isto é, o ensino da língua de forma tradicional que preconizava o objetivo de aprender conceitos.

O escritor propõe em *Emília no País da Gramática* (1934) um novo método para facilitar a aprendizagem da Língua Portuguesa¹¹: o aprender experimentando, conversando com as palavras, brincando com as divertidas (personagens) classes gramaticais, enfim, observando a aplicação das normas que regem a língua.

⁸ “- Moçada, vovó. Basta que eu tenha que lidar com essa cacetação lá na escola. As férias que venho passar aqui só são para brinquedo.

- Mas meu filho, se você apenas recordar com sua avó o que anda aprendendo na escola valerá muito para você mesmo quando as aulas reabriram. Um bocadinho só, vamos! Meia hora por dia. Sobram ainda vinte e três horas e meia para os famosos brinquedos.” (LOBATO, 1934, p.9)

⁹ “ - Ah! Assim sim! - dizia ele. Se meu professor ensinasse como a senhora a tal gramática até viraria brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios...” (LOBATO, 1934, p.10)

¹⁰ “ - Pegue o ditongo e vá botá-lo onde o achou. Você não é Academia de Letras para andar mexendo na língua...” (LOBATO, 1934, p.158)

¹¹ “(...) O que mais tarde me fez escrever “*Emília no País da Gramática*”, talvez fosse a lembrança do muito que naquele tempo me martirizou a tal “arte de falar e escrever corretamente.” (LOBATO, 1959, p.141)

Sendo assim, Lobato (1934) utiliza a “malandríssima Emília” (1934, p.20), a menina dos seus olhos para lidar com esse novo modo de conhecimento, convidando Pedrinho para ir ao país da Gramática¹². A princípio, Pedrinho questiona a existência do País da Gramática, afirmando que “Gramática é um livro” (1934, p.10). Contudo, Emília, a Marquesa de Rabicó, reafirma que o país existe, dizendo que quem o conhece é o rinoceronte Quindim, que “é um grandessíssimo gramático” (1934, p. 10).

Como num passo de magia e sem a ajuda do pó-de-pirlimpimpim, o espaço real, isto é, do Sítio do Pica-Pau Amarelo muda-se para o mundo encantado do país da Gramática. A partir dessa aventura, os personagens Narizinho, Pedrinho, o Visconde de Sabugosa, o sábio sabugo de milho e a espevitada bonequinha Emília partem “muito cedo, a cavalo no rinoceronte, o qual trotava um trote mais duro que a sua casca”. (1934, p.10).

Assim, a turminha do Sítio do Pica-Pau Amarelo adentra neste mundo mágico que representa a própria Língua Portuguesa como um país, o País da Gramática. As crianças, logo na entrada do país percebem que o ar “chiava de modo estranho” (1934, p.10), fato que as deixou curiosas¹³.

É importante ressaltar que Quindim não é um mero cicerone das crianças ao País da Gramática. O paquiderme por ser “um grandessíssimo gramático” (1934, p. 10), vai através de seus ensinamentos, facilitar e ajudar a construir este conhecimento sobre as regras da língua¹⁴. O valor literário da obra Emília no País da Gramática (1934) é indiscutível. Lobato, em todo o tempo expressa o modo lúdico como se aprende a Língua Portuguesa, mostrando muitas

¹² “– Pedrinho – disse ela um dia depois de terminada a lição – por que, em vez de estarmos aqui a ouvir falar de gramática, não havemos de ir passear no País da Gramática?” (LOBATO, 1934, p.10)

¹³ “ – Que zumbido será esse? – indagou a menina. – Parece que andam voando por aqui milhões de vespas invisíveis.

– É que já entramos em terras do País da Gramática – explicou o rinoceronte. – Estes zumbidos são os SONS ORAIS, que voam soltos no espaço.” (LOBATO, 1934, p.11).

¹⁴ “(...) Quem sabe lá se Quindim não tinha mesmo comido a Gramática Histórica de Eduardo Carlos Pereira? Acontece tanta coisa esquisita neste mundo...” (LOBATO, 1934, p.37).

vezes as normas gramaticais implícitas nas falas dos personagens, construindo assim, uma gramática mirim para as crianças¹⁵.

Emília, a bonequinha sapeca e falante, sem dúvidas, exprime toda indignação do próprio Lobato em relação às “*nomenclaturas rebarbativas*, dessas que deixam as crianças velhas antes do tempo” (1934, p. 14) e as normas da língua¹⁶, sempre difíceis de aprender, conforme as personagens que mergulham nessa aventura.

A revolta da travessa boneca com a Língua Portuguesa se manifesta em torno da gramática, que são criticadas por ela. Segundo Emília, “- Que peste é a tal gramática! – (...) – . Só sinto que, em vez de ter comido o pobre pica-pau, o gato não tivesse comido a Senhora Gramática...” (1934, p.130).

Neste contexto, a fascinante Emília ataca o Reduto Etimológico, fazendo uma grande reforma ortográfica, operando à força, com o rinoceronte Quindim ali ao seu lado para sustentar suas decisões, constituindo um fato que não só cativa às crianças por essa aventura imaginária como ensina as regras de ortografia.

Segundo Lobato:

(...) pronto! – exclamou Emília dando um pontapé no montinho KK e YY e CH e mais letras mudas e dobradas que ficaram no chão. – Prontérrimo! Quero agora ver a cara da tal Ortografia Etimológica.

E viu. Logo depois a velha deixou a casinha de raízes e veio passar em revista as palavras do acampamento. Assim que avistou o Sábado com um B só, o Cetra sem o S e o P etimológicos, e Máquina sem CH, teve um faniquito. (LOBATO, 1934, p.153).

Diante disso, através da estrutura dialógica da obra, Lobato ascende à compreensão do público leitor quando antropomorfiza as classes gramaticais, dando vida aos personagens que é pura diversão encantando todas as crianças.

¹⁵ “- Não comece a falar difícil que nós ficamos na mesma – observou Emília. – Sons orais, que pedantismo é esse?

– Som oral quer dizer som produzido pela boca, A, E, I, O, U são Sons Orais, como dizem os senhores gramáticos.

– Pois digo logo que são letras! – gritou Emília.” (LOBATO, 1934, p.11).

¹⁶ “- Quantos jeitos! – exclamou Emília. – Isso é que aborrece na língua. Em vez de haver um jeito só para cada coisa, já muitos. Tal abundância de jeitos só serve para dar trabalho à gente”. (LOBATO, 1934, p.36)

Neste resgate, na obra infantil lobatiana não há limites entre o mundo real e o mágico. Assim, as classes gramaticais ganham condição de personagens humanas que dialogam com a “danadinha” Emília. Num diálogo com o paquiderme Quindim, “Emília teve uma idéia: visitar o verbo *SER*”, (1934, p.59) que é pura emoção e fantasia¹⁷. Nestas aventuras, Lobato possibilita o aprendizado das crianças na prática, estabelecendo uma aprendizagem *in loco*, pois na visão do escritor “A criança é a humanidade de amanhã.” (1959, p. 249).

O autor, ao se referir as classes gramaticais como personagens humanizados, engrandece a noção de Língua Portuguesa, tornando-a menos isolada e mais viva. Monteiro estimulava “a *consciência* reflexiva e crítica de seus leitores, a fim de que eles encontrem a sua *direção* e tenham capacidade para encontrar um *sentido* para a vida” (1991, p.237).

Em consonância com o que fora exposto, o sucesso de Emília no País da Gramática (1934), deve-se a vivacidade e ao ensino da Língua Materna e da Gramática na obra, importante referência de literatura nacional para jovens leitores.

A FORMAÇÃO DA LITERATURA LOBATIANA E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

No Brasil, a princípio, o ensino da leitura era dirigido à introdução das primeiras letras, às regras gerais de ortografia portuguesa e à sintaxe com o único intuito de possibilitar ao educando a ordenada e correta escrita.

Outrora, a literatura ainda não era objeto de estudo, embora com a chegada da Família Real ao país é introduzido vários exemplares de clássicos universais fascinando multidões por todo território nacional e serviram, mais tarde, como inspiração aos precursores da literatura infanto-juvenil brasileira e, em especial, a Monteiro Lobato. Contudo, Lobato faz

¹⁷ “(...) o venerado ancião estava sentado num trono, tendo em redor de si os seus sessenta e oito filhos – ou Pessoas dos seus Modos e Tempos. Parecia um velho de mil anos, com aquela cabeleira branca de Papai Noel.” (LOBATO, p.1934, p.60).

uma crítica severa em relação às traduções correntes dos clássicos no país, que as considerava “grego”¹⁸. Segundo ele, “esses livros, (...), eram traduzidos para as crianças portuguesas, que provavelmente não entendiam nada, também.” (1968, p.202).

Assim, a gênese da literatura infantil brasileira dá-se por volta de 1916. Lobato volta-se para a problemática dos livros de literatura infantil. A partir de então, o visionário escritor de vastas sobranças cria uma estratégia e tenta modificar a realidade que está à sua volta.

Durante quase quarenta anos (1968, p.198), o herói das crianças correspondesse com seu amigo Godofredo Rangel. Em carta importante de 08/09/1916, ele cita suas idéias em relação à literatura infantil.

Segundo Lobato (*apud* COELHO, 1991, p.226):

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças (...). As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que as nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta (...). É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos.

Lobato preocupa-se com o público leitor-infantil. Preocupação esta, que o acompanha durante sua vida. Ele publica o artigo “A criança é a humanidade de amanhã.”¹⁹. Com esta visão, Lobato inova o conceito de literatura infantil e de criança abandonando o pensamento oitocentista de criança, consideradas adultas em miniatura²⁰, construindo histórias mais verossímeis com crianças e não apenas para crianças.

¹⁸ “(...) e eram mal impressos, com ilustrações piores que o nariz do ilustrador. Também eu, quando criança, detestava tais livros, “miríficos”, que quer dizer “maravilhosos admiráveis”. E como não entendia patativa do que estava escrito neles, divertia-me “lendo” as figuras. Pobres crianças daquele temp. Nada tinham para ler. E para as crianças um livro é todo um mundo”. (LOBATO *apud* ARROYO, 1968, p.2002).

¹⁹ “A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar num axioma – não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos do fundo da alma – a arte de educar as crianças passará a ser mais intensa preocupação do homem.” (LOBATO, 1959, p.249)

²⁰ “(...) consideram a criança como homem em miniatura e pede que se dê a ela o mesmo alimento mental e moral que se dá ao homem, com redução apenas de dose. (...). Em conseqüência surgiu uma flora de livros mais ou menos morais e instrutivos, (...), em concordância lógica com o conceito de que a criança é um adulto reduzido em idade e estatura, e com a mesma psicologia” (LOBATO, 1959, p.250)

A literatura infantil de Lobato tem como principal objetivo recrear, ou seja, proporcionar alegria e divertimento e fazer com que as crianças tomassem gosto pela leitura e esta idéia de recreação se estende e se soma ao da instrução.

Primeiramente, o brilhante Monteiro Lobato, sem dúvidas, ficou atraído pela literatura infantil de Tales de Andrade, pioneiro da literatura infantil brasileira. A obra *Saudade*, de Andrade associa recreação à instrução, mesclando fantasia e realidade, dando um valor nostálgico e simples ao estilo literário²¹. O magnífico Lobato saudou-o como um acontecimento ímpar: “Livro para a infância das escolas que cai em nossos meios pedagógicos com o fulgor e o estrondo de um raio” (1991, p. 222).

Foi, pois, a partir da “literatura didática” de Thales de Andrade e de um episódio singular e encantador, que percebe-se o estímulo inicial para a vocação literária de Lobato. Edgar Cavalheiro, em sua biografia de Monteiro Lobato, conta como teria surgido a idéia da primeira história para crianças escrita pelo autor, em 1920. Cavalheiro já apontava:

Certa tarde, na Editora, Lobato joga Xadrez com Toledo Malta, quando no intervalo entre dois lances, este lhe conta a história de um peixinho que por haver passado um tempo fora d’água “desaprendera a nadar”, e de volta ao rio afogara-se.” (CAVALHEIRO, 1956, p. 144).

O sagaz autor, dono de uma multifaceta personalidade, fica fascinado pela história do ingênuo peixinho. Na verdade, o peixinho extrai da imaginação do mago escritor, as velhas recordações das brincadeiras na fazenda em Taubaté e as histórias contadas pelo seu avô José Bento, o visconde de Tremembé. Assim, nasce o Sítio do Pica-Pau Amarelo, o maior projeto de literatura infanto-juvenil brasileira, ou melhor, a maior manifestação de excelência literária no Brasil.

²¹ “Com a matéria retirada do mundo natural, da vida simples e dura da “roça”, (...), Tales de Andrade redescobre em *Saudade* os ingredientes que daí em diante iriam marcar não apenas os livros de leitura escolar, mas praticamente toda a nossa literatura infantil”. (COELHO, 1991, p.222)

A saga infantil de Lobato começa com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921. Segundo o escritor infantil Leonardo Arroyo (1968, p.200), a obra é totalmente singular, perfeita e está em discordância com todos os preceitos tradicionais didáticos²².

O livro conquista à nação brasileira e torna-se um recorde de vendas. Segundo Nelly Novaes Coelho (1991, p. 227), Lobato chegou a tirar uma edição de 50.500 exemplares de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, sendo que 50.000 foram adquiridos pelo governo de São Paulo, para a distribuição nas escolas públicas²³.

Surpreendido com o sucesso e o impacto da obra, Monteiro Lobato escreve uma série de livros, e ao mesmo tempo, respeita as peculiaridades do mundo das crianças, não omitindo igualmente seu ângulo, seu caráter pedagógico: a literatura lobatiana propunha projetos de ação²⁴, isto é, o autor visava à formação dos seus leitores.

Salienta-se ainda que através do Sítio do Pica-Pau Amarelo, Monteiro transmite seus pensamentos. O Sítio transformasse numa escola paralela e idealizada, dando maior intensidade a aversão do escritor em relação à instituição tradicional de ensino com suas práticas pedagógicas que são passadas de formas conteudistas e decorativas, cujas disposições físicas e psicológicas o desagradavam.

Com isto, Lobato trata de substituir essas disposições, dando-lhe uma nova ordem, um arranjo diferente, utilizando ao mesmo tempo o antigo e o moderno. Antigo, porque o

²² “(...) em vez de afugentar o leito, prende-o. Em vez de ser a tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá mostra do que pedem os livros. (...) com seu aparecimento, marca-se a época em que a educação passará a ser uma realidade nas escolas paulistas. De fato, a historietta fantasiada por Monteiro Lobato, falando à imaginação, interessando e comovendo o pequeno leitor, faz o que não fazem as maias sábias lições morais e instrutivas: – desenvolve-lhe a personalidade, libertando-a e animando-a para cabal eclosão, fim natural da escola.” (ARROYO, p.1968, p.200).

²³ “(...) o amplo êxito obtido junto ao jovem público escolar entusiasmou fortemente Monteiro Lobato. Achara seu caminho, o seu destino literário, inaugurando para as crianças brasileiras um novo mundo de perspectivas.” (ARROYO, 1968, p.204).

²⁴ A criança, (...) precisa de um projeto de vida em que se engaje e no qual se aplique, de maneira dinâmica e harmoniosa com o todo, toda a potencialidade de suas energias vitais. Monteiro Lobato (...) deu-lhe um projeto cultural, mostrando o valor essencial da Literatura e abrindo à sua frente o mundo maravilhoso da Cultura. (COELHO, 1991, p.238)

insubstituível Monteiro desperta nas crianças o interesse pela retomada da mitologia grega em *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944).

Utilizando-se da mitologia, Lobato retoma o modelo da escola grega, um sistema de ensino que evolui ora através da dialética, ora socrático de exposição das idéias, sem resoluções pré-fabricadas ou conclusões previstas por antecipação.

No arranjo moderno, em defesa da pluralidade liberal, Monteiro Lobato não alega um espaço predeterminado, fixo e classificado como sala de aula. Toma-se como exemplo, *Emília no País da Gramática* (1934), cujo principal cenário para ensinar é a varanda da casa do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Segundo o autor, “Pedrinho (...) todos os dias vinha sentar-se diante de D.Benta, de pernas cruzadas como um oriental, para ouvir explicações da gramática.” (1934, p.9).

A indisposição de Pedrinho para com o ensino da gramática, citada anteriormente no início do artigo desaparece quando, em lugar do método tradicional, usado por seu professor, entra o método ideal, utilizado por D.Benta. Até a posição corporal de Pedrinho, sentado “*de pernas cruzadas como um oriental*” na frente de sua avó contrasta com a postura muito mais rígida exigida de um aluno da escola tradicional²⁵.

Com efeito, o projeto educacional criado por Lobato na ficção faz com que as terras da intelectual Dona Benta exerça o papel de uma escola. O Sítio nada mais é do que a propagação de valores tais como a leitura e o desenvolvimento intelectual²⁶.

Por certo, o mágico mundo do Sítio do Pica-Pau Amarelo satisfaz as exigências pedagógicas do método ideal de Monteiro Lobato. O Sítio é uma escola de vida, de experiências marcantes que oferecem as verdadeiras condições para o público infantil e

²⁵ “Anda mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Na caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tendo cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro...”, (LOBATO, 1956, p.199)

²⁶ “(...) Lobato, amplia o currículo escolar de acordo com suas convicções, convertendo o Sítio no local deste ensino renovador.” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2003, p.80).

juvenil adquirir uma formação intelectual adequada para o desenvolvimento de suas personalidades dentro do ambiente social onde vivem²⁷.

Na formação da literatura lobatiana e por meio de seus personagens (D. Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé, Pedrinho, Narizinho, Emília, o Saci Pererê, a Cuca, o Marquês de Rabicó, o Visconde de Sabugosa, o Burro Falante e o Quindim, o rinoceronte de nome mimoso), o escritor criou um mundo fantasioso e paradisíaco.

Criando este mundo, o inigualável Lobato com seu modo irreverente e agradável transforma o Sítio numa escola sem limitações e fronteiras. De maneira espetacular, ele ensina Astronomia²⁸ em *Viagem ao Céu* (1932); Matemática, em *Aritmética da Emília* (1935); Português em *Emília no País da Gramática* (1934); Geografia, em *Geografia de D. Benta* (1935); Ciências e Biologia, em *A Reforma da Natureza* (1941); Política, em *A Chave do Tamanho* (1942); Literatura, em *Dom Quixote das Crianças* (1936). Mitologia Grega e Filosofia, em *O Minotauro* (1939) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944); e até mesmo, é claro, um pouquinho de Língua Inglesa em *Memórias da Emília* (1936).

Tanto em originalidade quanto em inspiração, as obras para as crianças de Monteiro Lobato em um determinado momento foram perseguidas por religiosos e professores, chegando até mesmo a serem queimadas nas escolas por estimular o pensamento crítico dos jovens leitores. Afinal, a personagem Emília tão inovadora, decidida, irônica, iconoclasta, de voz ativa e que é a representação do ser, da própria alma de Lobato não podia satisfazer aos austeros instrutores tradicionalistas.

É resplendorosamente maravilhoso o modo lúdico e carinhoso que o feroz Monteiro escreve para as crianças. Ele faz com que os jovens leitores transcendam em sua imaginação e façam parte da própria paisagem do Sítio. Suas obras são recheadas de deliciosas brincadeiras,

²⁷ “Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (...) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos.” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2003, p.32).

²⁸ “(...) aventuras do meu pessoalzinho lá no céu, de astro em astro, por cima da Via-Láctea no anel de Saturno, onde brincam de escorregar.” (LOBATO *apud* ARROYO, 1968, p.206).

fantasia, magia, humor, anedotas, lendas, mitos, folclore, política, crítica social, ficção científica, viagens ao passado, muito entretenimento e integração total entre os personagens.

Segundo Lobato (*apud* Arroyo, 1968, p.206):

Pela primeira vez estou a entusiasmar-me por uma obra. (...) é a perspectiva de encontro da tia Nastácia com Isaac Newton que me põe de bom humor. Imagine a coitada lá pelos intermúndios, escorregando dum rabo de cometa, caindo de estrela em estrela, afinal amparada por um bom par de braços. De quem? De Sir Isaac Newton! E o Burro Falante que andava gostando dela e com honestíssimas idéias de casamento, derruba as orelhas enciumado...

No parecer de Lobato “os princípios a que devem obedecer os livros, revistas e jornais para crianças resumem-se em livros, revistas e jornais para crianças.” (1959, p. 255). Surge, então, uma literatura feita na medida exata, sem frustrações, pois as crianças eram obrigadas a suportar alguns tipos de livros que eram consideradas pelo autor repelentes.

A literatura infantil lobatiana não impõe à criança, mas deixa-se impor pela criança e desta forma satisfaz de modo completo às exigências psicológicas da mentalidade infantil. Em nenhum momento, o maior escritor da literatura infantil brasileira utilizou enfeites literários²⁹. Para o consagrado escritor, “o efeito literário agrada aos oficiais do mesmo ofício, aos que compreendem a beleza literária.” (1968, p. 208). A beleza literária considerada pelo autor, é “maçada”, é “cacetação” para o cérebro ainda não envenenado das crianças.

A criação literária de Monteiro Lobato para a infância é marcada pelo poder da expressão. O entusiasta utiliza-se da leveza e da graça da língua portuguesa para dar vida ao seu mundo iluminado, onde tudo é possível ou quase possível de acontecer.

É fascinante a atuação do genial Monteiro na sensibilidade das pessoas. Afinal, “o mundo do Sítio de D. Benta vivia no coração do escritor.” (1968, p. 209). O papel exercido por ele na literatura infantil brasileira resiste ao tempo, ultrapassa-o. E mais ainda: somente o

²⁹ “Não imaginas, (...) a minha luta para extirpar a *literatura* dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as *literaturas* que o estragam (...) quase raspei um quilo de literatura.” (LOBATO *apud* ARROYO, 1968, p.208).

grande literato infanto-juvenil possuía a fórmula de criar traquinagens com um estilo único, o seu dom de escrever é singular e restritamente pessoal.

Como escritor infantil, Lobato refletiu sobre o verdadeiro significado da infância, criando uma escrita inovadora com o objetivo de ensinar a criança a ter raciocínio próprio e visão crítica do mundo.

CONSIDERAÇÕES

Com base na exposição tecida, é preciso entender que a Morfologia apresentada em *Emília no País da Gramática* (1934), não é apenas o ramo da gramática que estuda a Estrutura das Palavras, é muito mais que isso. É o modo pelo qual a Estrutura das Palavras reflete suas relações com outras palavras em construções maiores, como a sentença, e com o vocabulário total da língua.

Em relação à importância do caráter didático da obra, considera-se que *Emília no País da Gramática* (1934) é um legado cultural sobre o ensino da gramática. O anticonvencional Lobato expõe de maneira lúdica e cativante o estilo extraordinário de se ensinar a Língua Portuguesa.

Avalia-se na obra, na história da viagem rumo ao País da Gramática que Lobato cria, organiza, brinca, esclarece, instrui, encena uma gramática normativa mirim para as crianças. O criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo utiliza-se da gramática normativa, mas não como um filólogo, lingüista ou um purista da língua.

Em vista disso, é provável que Lobato tivesse familiaridade com a “*Gramática Histórica* de Eduardo Carlos Pereira” (1934, p.37) e inspira-se nela, pois a personagem

Narizinho, neta de Dona Benta faz a citação desta gramática, como a causadora da erudição, do profundo conhecimento do rinoceronte Quindim sobre os conceitos lingüísticos³⁰.

Vale dizer que, não era unicamente importante ouvir falar sobre a gramática, mas sim, dar vivacidade, movimentação, cor a gramática, sugerir discussões sobre ela, enfim, apreciá-la. Atrelado a esta idéia, está à noção de recreação, de divertimento, isto é, não se trata de adquirir o saber por obrigação, mas por satisfação.

Na fantasia do livro, Monteiro Lobato dá vida as classes gramaticais do idioma, mantendo um diálogo entre elas. Lobato, por transformá-la numa gramática mirim tem uma relação forte com o seu livro pelo fato de se tratar de um paradidático, isto é, o livro apesar de possuir elementos fantásticos, o público alvo da obra é a criança em fase escolar.

No que se refere à formação da literatura lobatiana e sua relação com a escola, a expressividade, o brilhantismo da língua, segundo Monteiro Lobato estaria ausente nos livros escolares, e, contudo, presentes em *Emília no País da Gramática* (1934).

Dando concretude às disciplinas escolares, Monteiro Lobato cria peripécias, aventuras que possibilitam à turminha do Sítio engrandecer e viver as matérias, os temas presentes na escola, de maneira discordante em relação aos conceitos de literatura adotados no passado, e que ainda predominam em voga em muitas escolas no cenário contemporâneo.

Levando-se consideração o exposto, conclui-se que *Emília no País da Gramática* (1934) é uma literatura riquíssima, fascinante e apaixonante por todos aqueles que se encantam com esse universo infantil.

³⁰ “ – Pensa que não sei que os livros são feitos de papel de madeira? Madeira é vegetal. Vegetal é alimento de rinocerontes. Logo, Quindim podia muito bem alimentar-se com os vegetais que se transformam no papel que virou gramática.” (LOBATO, 1934, p. 37).

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. 1ªed. São Paulo: Biblioteca de Educação, 1968.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ªed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infanto-Juvenil: das origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo**. 4ªed. São Paulo: Ática: 1991.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- LOBATO, Monteiro. **Emília no País da Gramática**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1934.
- _____. **Serões de Dona Benta**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. **Conferências, Artigos e Crônicas**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- PERINI, Mário. **Gramática Descritiva do Português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- VERÍSSIMO, Érico. **Continente: o Tempo e o Vento**. 1ª ed. Curitiba: Companhia das Letras, 2004.
- ZANOTTO, Normelio. **Estrutura Mórfrica da Língua Portuguesa**. 4ª ed. Caxias do Sul: Educs, 2001.